



## Curiosa...

**I** sso de ter recebido a carta do Braga — aquela que lhe estava agora no seio; muito junta à carne, ferindo-a, torturando-a com a ponta aguda do envelope — isso fazia-a estar para ali muito abstrata, sem dar atenção ao almoço, a procurar a razão por que assim procedera, quase sem ver o Bernardo. O marido, que ruminava muito pachorrentamente o seu bife.

Porque aquilo que ela praticara assim tão irrefletidamente, apenas por um bocadinho de curiosidade, poderia fazê-lo supor que ela ainda fosse a mesma que dantes. Cruzes! Pensar naquilo sempre lhe dava uns calafrios! Em outro tempo, em solteira, não lhe/teria dito nada... Mas agora! Agora era viver para os filhos, quando viessem.

Distraía-se, olhos fitos no prato, a perscrutar, a indagar de si mesma por que a recebera, àquela maldita carta. “Fora por força, curiosidade...” pensava. Nem podia ter sido outra cousa... Se era tão curiosa!

E a Cocota, muito alegre, muito satisfeita no

íntimo por ter achado assim uma desculpa àquela levandade, voltou-se para o marido. A Brígida, a criada, servia-o nesse momento. E justamente, aí estava, fora ela a culpada de tudo aquilo. Pela manhã, muito cedo, dando-se uns ares de confidente, viera trazer-lhe a carta do Braga. E aquele seu modo misterioso, aquele meio riso confidencial, aquelas duas palavras, sobretudo, tinham-lhe chamado a atenção. "Do Braga!" murmurara-lhe a Brígida, quase ao ouvido, entregando-lhe a carta.

A Cocota, inconscientemente, estendera-lhe a mão para recebê-la, perturbando-se toda, muito assustada, como se ele já ali estivesse a reclamar todo um mundo de promessas feitas há muito tempo. Porque com aquela carta do Braga surgia de bem fundo todo um passado de recordações. E vinham-lhe à memória as esquecidas noites de luar em que os dois, num abandono idiota de namorados românticos, se tinham enternecidamente entregue à contemplação "daquela lua que os ouvia" e que lhes fora o penhor de todos os juramentos.

Ela — a Cocota do Tavares, como a chamavam naquele tempo — tivera sempre uma certa predileção por essas cousas de poesia e de ideal. E repetidas vezes, quando a lua, muito alta, banhava a rua de uma pálida claridade, divertira-se com o fantasiar na massa escura das árvores, em cada perfil escuro recortado pela claridade do luar, namorados erran-

tes, que se ficavam ali, eternamente a contemplá-la como a uma beldade estranha, arrancados de muito longe aos amorosos beijos das noivas, unicamente para vê-la, unicamente para admirá-la.

Foi por esse tempo que o Braga apareceu. Tipo anêmico, longas melenas pretas, um pálido ardor, o poético ajudante de guarda-livros agredou-lhe para logo. E a Cocota que sonhara entrevistas à noite, docemente enlaçados os dois, a passearem sob a ramaria frondosa das árvores, teve-as ali mesmo, num telheiro para onde o pai, como taverneiro muito prático, atirava os barris vazios de banha e os jacás inda ressendendo um forte odor de toucinho.

Esse cheiro de toucinho, infiltrando-se-lhes pelo nariz, justamente quando lhes seria preferível qualquer outro mais suavemente doce, mais deliciosamente romântico, esse não lhes conseguiu lembrar o prosaísmo da vida... Triste cegueira, a dos namorados! Encarregou-se disso o Tavares, surpreendendo-os uma noite, e tosando-o à valer. "Ainda tenho bem vivas as recordações daquela noite..." — escreveu o Braga à Cocota, oito dias depois. Pudera! E continuava "... mas acredita que se te não puder encontrar nunca mais, breve, muito breve, o meu corpo há de rolar inanimado junto-às penedias abruptas do Pão de Açúcar".

O Pão de Açúcar fora metido ali unicamente



para dar a cor local. O incoerente período, esse copiara-o o Braga a um livro que lhe compunha toda a biblioteca. Compreende-se que tamanho apuro de redação não estava muito a caráter em um simples ajudante de guarda-livros.

Valeu-lhe a sinceridade do momento. Do momento, porque nem breve, nem depois, nem nunca mais, o Braga teve a lembrança do suicídio. Agora voltava, como parecia. "E não é que voltou mais bonito!" — garantira a Brígida à Cocota. Mais forte, mais corado... Qual! A ama que o visse, como ela própria o tinha visto com aqueles que a terra havia de comer.

E gabara-o à Cocota, metendo-lho à cara, muito desejosa no íntimo de que aquilo fosse adiante; muito satisfeita por entrar assim nos segredos da ama, interessando-se pela resposta. Mas a Cocota parecia indiferente. "Não lhe diga nada por ora" — pediu. "Agora as cousas mudaram, e muito. Eu também não sou nenhuma idiota." E recebera a carta... Com certeza que por curiosidade; se era tão curiosa!

O Bernardo descendo para o almoço, em colete e chinelos, obrigara-a a escondê-la por dentro do corpinho. E à mesa, quase inconsciente, aquilo tudo a trabalhar-lhe no cérebro, sentira-a sempre, ao curvar-se. A maldita carta lá estava, no seio, muito

junta à carne, ferindo-a, torturando-a com a ponta aguda do envelope.

O marido, esse é que não tinha cuidados a trabalharem-lhe na bola. Mas, de repente, levantando a cabeça, muito distraído, voltou-se para a Cocota:

— Sabes, ó...

E calou-se, como se lhe tivesse esquecido o nome. E entretanto a Cocota ouvira-o, notara-lhe a indecisão. Até aí absorta, agora que achava uma desculpa à sua leviandade naquela curiosidade tão natural, voltara-se para o marido. E chegara ainda a tempo de notar-lhe aquilo. "Pois em três meses pode esquecer-me o nome!" — admirara-se ela. E confrontando esse incidente com a constância do outro que ainda a procurava, que ainda lhe escrevia, o resultado do confronto não foi lá muito favorável ao Bernardo.

Também — e continuava o raciocínio — também quem o mandara casar-se com ela? Devia ter compreendido que ela não poderia esquecer assim o outro. E daí, talvez tivesse compreendido mesmo. "Pois que se queixe de si!" — concluía. Mas do íntimo vinham-lhe uns restos de honestidade. Lá porque o marido era um estafermo — porque ele o era, e bem grande — lá por isso não se seguia que ela fosse dar ouvidos ao primeiro que aparecesse. Apesar de que o Braga não estava nessas condições. Fora seu noivo, ela amara-o muito...

Disso estava ela bem certa. Se o amara! Ainda hoje, por sentir lá dentro no seio, ferindo-a, torturando-a com a ponta aguda do envelope, aquela carta que era dele, que lhe vinha lembrar tudo isso que já devera ter morrido para si; ainda hoje só ela e Deus sabiam o que lhe estava agora palpitando no coração.

O Bernardo tomava pachorrentamente o seu café. Tirassem-lhe tudo — costumava ele dizer — tirassem-lhe tudo, mas que não lhe tirassem o seu cafezinho! E apreciava-o, bebendo-o aos goles, dando estalidos com a língua, ao mesmo tempo que a Brígida tirava os pratos servidos da mesa.

A boa da Brígida! Muito atarefada, muito diligente, parecia querer mostrar que, apesar dos anos, ainda podia merecer a confiança da sua rica amazinha. E tinha para a Cocota sorrisos de inteligência, e mostrava-lhe com os olhos o estáfermo do Bernardo, ocupado em remexer o café no fundo da xícara, para aproveitar todo o açúcar.

Por trás, ao alto da parede, houve um pequeno ruído metálico de cilindro que desanda, e o relógio começou a bater nove horas.

— Ora aqui está, é isto! — fez o Bernardo, levantando-se.

Já-lá se iam as nove; nem lhe restava mais um minuto, para estar a sua vontade. Malditas ma-

nhãs, aquelas, que passavam tão depressa! E resmungava, enfiando o paletó que tinha estado ali perto, dependurado do encosto de uma cadeira.

A Cocota levantava-se também. Não se esquecesse de trazer o chá — recomendava-lhe. Trouxesse-o lá da cidade, já que o dali era uma peste.

E curvava-se para a mesa, muito cuidadosa, a reunir toda a louça ao redor do bule de metal prateado...

Mas de repente:

— Ah! — gritou, surpresa.

E como o Bernardo a olhasse toalmente, sem compreender, numa das mãos a botina que se parava para calçar — “Que desastrada que eu sou” — desculpou-se. “Que cabeça a minha!” Não se lembrara de que o bule devia estar quente, e daí... Ele que visse; felizmente nem o sinal! Mas na realidade o que a fizera gritar assim, de súbito, fora aquela carta que lhe estava no seio, muito junta à carne, ferindo-a torturando-a com a ponta aguda do envelope.

— Até logo, hein! — gritou-lhe o marido.

E saiu, batendo a porta para que fechasse bem.

A Brígida adiantou-se então. A ama que lhe desse uma resposta para *ele* — pedira. Coitadito! Até parecia capaz de morrer, se a não visse. Olhasse que ela, a respeito de segredos... Aquilo era um poço!



E não era porque tivesse algum interesse em vê-los a aproveitar a sua mocidade; é que lhe doía lá dentro saber de uma criaturinha de Deus que até se parecia mirar de paixão.

E a Cocota interessava-se pelo Braga... Se era tão curiosa! Era então verdade? A Brígida que fosse franca. Não que ela desejasse muito vê-lo, que até a carta ainda lá estava fechadinha como a recebera; mas que lhe dissesse tudo. Ele perguntara muito por ela, não? Parecia muito desejoso de a encontrar, não era verdade?

E a Brígida assegurara que era. Coitadito! Estava de meter piedade à gente. E tomava umas certas liberdades de cúmplice. Punha-lhe a mão no ombro. Andasse lá, a felizarda! Porque nem todas tinham a felicidade de encontrar assim uma Brígida tão resolvida a fazer o sacrifício da sua tranquilidade para comodidade de ambos.

Calculava já o que o negócio lhe poderia render. A ama que a ouvisse e que não tivesse cuidados — pedia. Com franqueza ela nunca pudera gostar do patrão. Achava-o assim meio idiota, meio impertinente; muito metido consigo... Palavra de Brígida, o casamento fora uma desgraça para a ama!... ora se fora!

Teve de dar tréguas àquela tagarelice. A ama pedia-lhe que fosse passar a vassoura na sala. Na

véspera, ordenara-lhe cousa igual. E juntava — “Você sabe... Pode vir alguém de fora...” Ela então iria ler a carta, e depois...

E a Brígida saiu, e lá foi a cantarolar para a sala. A Cocota entrou no quarto. Aí, sentada à beira da cama, tirou do seio a carta do Braga, carta muito perfumada, rescendendo muito fortemente a violetas.

Era uma longa história de mágoas, a narração de uma vida de prantos, vivida muito longe, lá no ignorado retiro dos que sofrem. E aí, mais que todas, sorria-lhe aquela imagem querida, tantas vezes entrevistada em seus sonhos, tantas vezes quimericamente apertada em seus braços.

Desfiava por aí além todo um enorme rosário de padecimentos. Vinham depois as alusões. Que nunca pudera esquecer aquelas entrevistas de outrora. Como eles tinham sido felizes ali, naquele delicioso telheiro que se lhes assemelhara ao Paraíso. E achava-o delicioso! Delicioso, o abandonado telheiro do Tavares, para onde ele atirava os barris vazios de banha e os jacás inda rescendendo um forte odor de toucinho!

Relembrava também a história da sova. Chama-lhe “os tormentos que por ela tinha padecido; isso que fora o começo do seu glorioso martírio”. Mas a Cocotinha que tivesse fé em Nossa Senhora,

e que esperasse, porque a felicidade, quem a dá é Nosso Senhor Jesus Cristo...

— Sabe, sabe, minha ama! — gritou de repente a Brigida, entrando arrebatadamente pelo quarto. — Estão aí as Travassos; as Travassos, nem mais nem menos...

A Cocota só teve tempo de abrir uma gaveta, guardar lá a carta, e sair, porque as outras, as três, já entravam muito sem cerimônia, ameaçando ir até à cozinha se não a encontrassem.

— Gentes! Como estás pálida, menina! — fez a mais moça, beijando-a fortemente, apertando-a muito nos braços, querendo mostrar saúde.

A outra, a Julinha, abraçou-a por sua vez, e depois a mais velha, a Travassos, viúva que era de um chefe de seção aposentado, ainda célebre pela surdez nunca excedida.

Foram para a sala. Aí, a mais moça, a Gertrudes, explicou que tinham vindo da rua do Ouvidor. Como a Cocota talvez já soubesse, andavam a fazer compras para o grande prêmio do Derby. Porque elas não perdiam corrida. Aquilo até já era a predileção do *high-life*. Ela própria que lhe falara, então, já estava uma... uma...

E voltando-se para a Julinha:

— Como é mesmo que se diz, Juju? Tu sabes... Quando uma moça gosta muito de corridas?

— Ah! sim... *Sportswoman*.

— Exatamente. Pois ela própria já estava uma *sportswoman* de truz.

E continuava. Na volta, ao tomar o bonde, a Juju, que era muito míope, enganara-se de tabuleta. De modo que aí estavam elas, longe de casa, e com os pés num estado, num estado... Ah! a Cocota que imaginasse!

Mas a Cocota garantia que podiam vir sempre, seriam sempre muito bem recebidas. A d. Clotilde é que talvez não gostasse muito de ir lá... Casa de pobre...

E a Travassos, a viúva, muito depressa:

— Cruzes, menina! Pois eu posso lá desgostar-me daqui! Não, que comigo vale mais o ser recebida de cara alegre do que andar a gente a refestelar-se em divã, e a dona da casa a mandar pelos criados que ponham sal ao braseiro!

— Aí está — interrompeu a Gertrudes — a tua cara alegre é que é a *great attraction* daqui.

E a Cocota agradecia, sem ter compreendido a *great attraction*.

Quanto a ela ainda lhe restava um bocadinho da educação que sua mãe lhe dera, graças a Deus. Quando quisessem era só bater à porta. A casa era aquilo que ali estava — pobrezinha, é verdade; mas o pouco que possuía era de todos, e não se pediam



agradecimentos. Viessem; voltassem mais a miúdo...

A Julinha permanecia calada, a olhar para os quadros, apertando muito os olhos. Só de vez em quando falava ao ouvido da velha, impaciente. “Espera, filha — dizia-lhe a Travassos, e recostava-se mais e mais no sofá. Porque ela — garantia à Cocota, — não era muito de visitas. Desde que o seu defunto se fora que não tivera mais vontade de sair da casa. Era aquilo que se estava vendo. Sempre de preto, qualquer cousa a fatigava daquele modo...”

— Ah! É verdade, Juju! — lembrou a Cocota. — Disseram-me que te casas?

A Travassos, a viúva, sem deixar a palavra, explicou logo que sim. Já era cousa decidida. Um partidão, filha! E que rapaz simpático! Ela não era de muitas simpatias; pois aquilo fota olhar-lhe para a cara, e ficar logo caidinha pelo genro. Imaginasse a Cocota, quando se dera aquilo com ela, o que se não teria dado com a Juju. Verdade fosse que falavam muito dele no sítio. Mas inveja, pura inveja; unicamente porque o rapaz tinha dinheiro!

— Ah! tem dinheiro!

E a Cocota compreendia perfeitamente o entusiasmo da velha. Tinha dinheiro! Mas aí estava a razão de toda a brusca simpatia da Travassos por ele. A Cocota conhecia-a muito bem. Aquela era am-

biciosa como nenhuma. Ninguém melhor do que ela farejava um casamento rico. E ouvindo-a correr tão entusiasmadamente sobre esse noivo da Juju, vinha-lhe à idéia o entusiasmo do Tavares, falando-lhe do Bernardo, inculcando-o para seu marido, a afirmar que ele era “um partidão” como a Travassos não se cansava de repetir; e revoltava-se no íntimo contra esse modo de dispor tão livremente dos filhos como de um objeto que pode trazer algum lucro.

— Não é exato, não tenho razão? — pergunta-va-lhe a Travassos pela terceira vez, sem que ela a ouvisse.

E a Cocota, arrancada àquelas reflexões, que até lhe davam vontade de enganar o marido para se vingar de tudo quanto tinham feito perder com o seu casamento, voltou-se para a Travassos.

— É sim — garantiu, um quase nada irônica. — Já se tem até provado que esses é que são os casamentos melhores. A Juju que não deixe fugir o noivo...

— Qual fugir, filha. Agora então!

E a Travassos continuava. O rapaz já estava pelo beijo. Ah! mas também que trabalho para lhe não desagradar! Ela então — levasse-o Deus em conta! — não tinha descanso nenhum. E senão a Cocota que ouvisse. — Enquanto os dois estavam na

sala, enquanto a Gertrudes ficava ao piano, ia ela tratar do chá. Ora, aquilo na sua idade... Verdade fosse — concluía — que ela só lhe desejava mostrar que não era para ali nenhuma sogra dos jornais.

— Sim! — fez então a Gertrudes. — Isso pode ser muita cousa... Mas então eu? Eu que hei de estar todas as noites ao piano, para lhes amenizar o *tête-à-tête*?

Entretanto, como a Juju falasse desta vez muito decidida ao ouvido da velha, levantando-se, pronta para ir embora, a Travassos acedeu.

— Sim, vamos... E voltando-se para a Cocota: — Vês, filha? Ainda uma pessoa não teve tempo de descansar um bocadinho, e já lhe estão a gritar que ande, que vá para casa... Um fadário, um verdadeiro fadário!

— Qual — atenuava a Cocota. — O que é necessário é ter paciência, fazer cara alegre.

— E depois, tu comprehendes... — interrompeu a Gertrudes, — *Noblesse oblige*...

Mas a Cocota não comprehendia. Detestava mesmo na Gertrudes aquele sestro de estar a repetir tudo quanto lhe caía ao alcance da mão, unicamente para ficar acima de outras. E, como a Travassos fosse para beijá-la, voltou o rosto para o outro lado, muito enjoada pelo mau hábito da velha.

Houve ainda uma troca de beijos, abraçaram-se; a Gertrudes foi a um dos canteiros do jardim

buscar uma rosa que prender triumphantemente ao peito, e saíram, rindo, gargalhando umas tantas recomendações que mutuamente se faziam, e agitando ainda de fora os lenços, quase a desaparecerem ocultas pelo muro enegrecido do tempo.

A Cocota ficara de pé, no limiar da porta. Agora que se via só não precisava disfarçar o mau efeito que lhe tinha produzido todo o falatório da Travassos a propósito daquele noivo da Juju. Tinha dinheiro! Mas então era também como o outro, como o Bernardo?

E porque aquilo a tivesse aborrecido, porque aquilo a tivesse incomodado dando-lhe o secreto desejo de se vingar de todos, entrou para a sala. Justamente, vinha-lhe à memória a carta do Braga, aquela que lhe parecia sentir ainda no seio, muito junta a carne, ferindo-a, torturando-a com a ponta aguda do envelope. Ali, na meia escuridão produzida pelas janelas cerradas, poderia reflexionar mais à vontade.

E, entretanto, alguma cousa como um perfume forte e penetrante posto ali perto fazia-lhe mal. Era um lenço da Gertrudes, esquecido junto de uma cadeira, muito fortemente impregnado de heliotrópio. A Gertrudes adorava esse cheiro; ela é que nunca o pudera tolerar; dava-lhe dores de cabeça, fazia-a pensar em cousas tão extravagantes!

E quase tonta, sentindo oscillar-lhe a cabeça,



levantou-se para pô-lo fora. Mas a Brígida, a criada, entrava nesse momento. Vagarosa, olhando misteriosamente em redor, depois de fechar bem as janelas, tornando ainda mais asfixiante a temperatura da sala, contou-lhe que o Braga viera pouco antes; como as Travassos estivessem na sala, ela tinha-o feito demorar-se lá dentro; agora vinha preveni-la, vinha saber se a ama sempre o queria receber. Por que ele lá estava, doido, ansioso, sófrego por vê-la.

— O Braga ali, tão perto!

Isto há tanto tempo murmurado no íntimo, isto no íntimo há tanto tempo desejado, punha-a trêmula, feliz por sabê-lo perto, sequiosa de o ter ao seu lado, respirando o mesmo ar que ela, ébrio daquela mesma embriaguez. E sem ouvir mais a Brígida, sem entender o que ela lhe perguntava, deixou pender maquinalmente a cabeça, parecendo aceder.

O calor abafava, na escuridão quase inteira da sala. Aquele maldito perfume do heliotrópio fazia-lhe arder a cabeça. Felizmente a Brígida fora-se; do contrário nem ela própria sabia o que lhe teria acontecido.

E deixava-se estar presa daquela doce embriaguez dos sentidos, e ia quase a adormecer, feliz arfando-lhe o coração, quimicamente transportada àquele tempo das entrevistas ao luar, quando sentiu que a tomavam nos braços, apertando-a muito,

esmagando-a quase, beijando-a por todo o rosto, ao mesmo tempo que ela se deixava arrebatada, muito curiosa de saber para onde a levavam assim, trêmula, ofegante, tão deliciosamente embriagada.

E enquanto o Braga desaparecia, levando-a pela porta encortinada do seu quarto de núpcias, do outro lado o olhar vesgo, o olhar hipócrita da Brígida aparecia colado à vidraça, flamejante, curiosamente terrível, procurando devassar até o mais íntimo segredo da alcova...



## O Jeromo

Correu uma gargalhada de ponta a ponta do meio-círculo, rápida, rebentando de todas as bocas, como se fosse o estopim de uma girândola. O Jeromo, ainda de cócoras, firmou-se num braço, para se levantar do tombo; e, de novo, estatelou-se no chão. Nova gargalhada explodiu, de súbito, como o lépido levantar de asas de uma revoada de pompos... "Paga prenda! paga prenda!" gritavam. Tia Micaela, a um canto do sofá, com as duas mãos na cintura, pedia que não a fizessem rir tanto, por causa do fígado. E seu Rodrigues, um caixeiro da corte, que andava por fora, em cobranças, veio logo, chapéu na mão, todo sorrisos, para receber a prenda do carreiro.

"Paga prenda! paga prenda!" O Jeromo resistia à intimação. Não pagava. Caíra ao querer ajoelhar-se muito depressa, mas não rira, nem ao menos começara as palavras do jogo: "*Meu senhor S. Roque, eu aqui estou a vossos pés, sem me rir, sem chorar...*" Não pagava. "Paga prenda!" insistiam... E a Margaridinha, a filha de tia Micaela,



de joelhos sobre uma cadeira, gritou-lhe também que pagasse. — “Pague, seu Jerônimo... É pra não parar o jogo.” O Jeromo pagou, com um botão de punho. O caixeiro da corte voltou para o seu lugar, todo sorrisos. “Minhas senhoras, vai continuar o jogo! O senhor S. Roque é a senhora d. Margari-dinha.”

Fora, o luar banhava todo o jardim plantado de esponjas, desenhando na rua a ramagem crescida da cerca de espinhos. A estrada, tortuosa, toda de areia, refulgia ao clarão da lua. Longe, no silêncio da noite, latiam cães... O Barradas, “amigo de seu barão”, suando em bicas, viera para o jardim e encostara-se à cancelinha da porta, a fumar. O jogo continuava, lá dentro, na sala. Ouvia-se a voz do caixeiro da corte. “Que se há de fazer ao dono ou dona desta prenda?” E viam-se sobre os aparadores os dois grandes lampiões de querosene, trazidos pelo Barradas da casa de seu barão, para aquela festa de anos da tia Micaela.

O Jeromo era carreiro lá do alto, da fazenda do dr. Chico Pena. Mais pra baixo ficavam as terras de seu barão — barão de Santa Maturina. Aí é que o Barradas punha e dispunha, como dono da casa, comendo à farta, bebendo ainda melhor. Português esperto, muito insinuante, começara auxiliando o administrador da fazenda. Um dia — ia para três anos — o administrador vira-se, de súbito, posto no

meio da rua. O barão, colérico, cheio de raiva, não lhe consentia que se justificasse. O homem não fizera nada. O Barradas foi nomeado para o seu lugar.

“Bom administrador tenho eu!” — costumava dizer o barão. Carreiro é que não tinha, tão bom como o Jeromo. Certa vez, Jeromo ia a entrar em casa, empurrava já a porteira, quando retiniu este grito — “Eh lá, ó Jirônimo!” Era o Barradas. O outro não o ouviu. O português chicoteou mais a besta em que vinha, enterrou-lhe bem as esporas... Depois, repetiu o chamado: — “Eh lá, ó Jirônimo!” O Jeromo demorou-se a esperá-lo, com a mão ainda sobre a porteira. E, ao brusco choque das esporas, a besta trofou mais depressa, até junto da cancela. Ficou aí, sem parar, ao mesmo tempo avançando e recuando a apertar as pernas do Barradas de encontro às duas ripas pregadas em cruz.

— Manhosa como ela só! — achou, sorrindo, o Jeromo.

O Barradas apeou-se, tirou as rédeas de sobre o pescoço do animal, passou-lhas da cabeça para fora, por cima das orelhas, e foi prendê-las adiante, a uma das pontas da cerca. Demorou-se ainda um bocado, a enrolar um cigarro. Por fim, abordou a questão. O sr. barão mandava perguntar ao Jirônimo se não queria ir lá trabalhar pra fazenda. O Jeromo estava que não cabia em si da surpresa.

O Barradas contava com isso. Ah! estava admirado, não era? Tinha de quê. Era uma fortuna que lhe caía do céu. E gabava a fazenda. Que bonita que estava agora! Passava-se muito bem de barriga. Aquilo é que era viver a gente uma vida regalada; comiam-se quatro vezes ao dia! E depois, se o Jirónimo quisesse, dobrava-se-lhe o ordenado, juntava-se-lhe uma gratificaçãozinha para os ciarros, e até o sr. barão ainda lhe havia de dar a sua farpelazinha nova, para os domingos. O Jirónimo refletia, via-se que estava a hesitar. Mas, de repente, fez que não, com a cabeça. Decididamente não aceitava. Era tolo, rejeitar assim uma fortuna que lhe caía do céu. Mas que lhe havia de fazer? Tinha amizade à casa, criara-se com os meninos. . .

O Barradas voltou para a fazenda, a apertar cada vez mais o passo da besta, para repetir ao sr. barão o que lhe dissera o bigorrihla do Jirónimo. E logo ao chegar, em meio do almoço, tendo muito cuidado em que não esfriasse o bife do sr. barão, a mandar pelos criados que fechassem bem as janelas da varanda para que o sr. barão se não fosse constipar, o Barradas contou-lhe o que ouvira do carreiro. “É uma criança...” — deixou escapar o barão. E o Barradas logo, com toda a sua verbagem de português muito esperto: — “É um estúpido, é o que é... Vossa Excelência não o conhece.

É um estúpido e um bigorrihla... Um bigorrihla é que ele é, saiba-o Vossa Excelência!...”

Esmorecia a luz. Manchas de fumaça iam subindo aos poucos pelo interior dos globos, nos dois grandes lampiões de querosene. Tia Micaela queixava-se do fígado, fizera-lhe mal o jantar. O Barradas voltava nesse momento para a sala, mãos nos bolsos, fumando. Vinha de fora, janelas a dentro, cortante e ríspido, o áspero frio da madrugada. Nuvens róseas apareciam pelo céu. “Bons dias, siá dona!” — gritaram da estrada para a Margaridinha que se fora debruçar à janela. O caixeiro da corte ainda quis-ver se reanimava a festa. “Minhas senhoras, meus senhores! Vamos agora jogar o *Coche da família*. Eu sou o cocheiro; d. Margaridinha é quem mais brilha, é a lanterna. O sr. Barradas é o chicote...” Voltava-se, todo sorrisos, para cada um. Mas a Margaridinha achou que já era tarde. — “Qual, seu Rodrigues! Já é dia... Mamãe está com sono.” Clareava mais. “Agora é cada um p’ra sua casa!” interrompeu asperamente o Barradas.

Despediram-se, trocando abraços, apertando-se muito sacudidamente as mãos. Tia Micaela distribuiu beijos, a torto e a direito, fazendo convites — “Não se esqueçam, hein? Agora é pelo Natal!” O Jeromo chegou a correr, do jardim. Ocultou umas flores no casaco; depois estendeu a mão à Marga-



ridinha, olhando-a bem em face. "Não me esqueça!" — disse. A moça apertou-lhe os dedos, quase a magá-los... E ficou em silêncio. Tinha os olhos cheios d'água. "Venha amanhã!" — segredou a muito custo. O Jeromo disse que sim, com a cabeça. E saiu. Mas, da rua, voltou ainda, como se lhe faltasse alguma coisa; parou indeciso. "Até amanhã, tia Micaela!" — fez depois. Apertou outra vez a mão da Margaridinha. Custava-lhe deixá-la assim. Desejaria ficar para sempre junto dela ouvindo-lhe aquela música da sua voz.

Partiu, afinal. Levava um grande vácuo no peito. Os olhos umedeciam-se-lhe; tinha uma enorme vontade de chorar... Pássaros cantavam. Do mato em roda, subia um embalsamado, um fresco cheiro de ervas. Gotas de orvalho caíam dos espinheiros; e, pela relva adiante, borboletas iam e vinham, doidas, agitando asas trémulas, amarelas por sobre as flores amarelas.

Entrou em casa. Atirou-se à cama, para ver se esquecia aquela idéia da Margaridinha. Talvez dormisse... Não dormiu. Aquilo era como se lhe houvessem arrancado do peito, na festa, alguma coisa que lhe fazia muita falta. Voltava-se para a parede, fechava os olhos, apertava-os bem, para não ver coisa nenhuma... E para logo se lhe deparava outra vez a sala do jogo de prendas. Era ainda o caixeiro da corte quem as ia a pouco e pouco reco-

lhendo no chapéu; o jogo é que já não era o mesmo; não era o Senhor S. Roque, era uma cousa parecida. E o Jeromo via-se de joelhos aos pés da Margaridinha — "Minha santa Margaridinha, eu aqui estou a vossos pés, sem me rir, sem chorar, sem me rir... Eu aqui estou a vossos pés..."

O Jeromo voltou no dia seguinte à casa de tia Micaela. Voltou depois ainda, e no terceiro dia, e mais tarde. A Margaridinha vinha buscá-lo à cozinha, toda de branco. E subiam, mãos dadas, almas felizes, acompanhados desde a porta pelo vigilante, bondosíssimo olhar da velha.

Mas, num dia, tia Micaela veio, ela própria recebê-lo à entrada. O Jeromo parou, surpreso, indagando com os olhos. E tia Micaela explicou o que havia. — "O Leopoldo, aquele magrinho, que estivera lá no dia dos seus anos... Ah! não conhecia? Pois, coitado! Fora-se... Bexigas..." Bexigas! — "É verdade; bexigas!" Era o sexto, numa semana. O Jeromo estremeceu de terror; dominou-se, porém. "Mas, e a Margaridinha?" Tia Micaela tranqüilizou-o. Estava no sítio do Leopoldo. Fora pela manhã, para ajudar a gente de casa. Era preciso haver lá quem tivesse um bocado de sangue-frio. Os outros, coitados! tinham perdido a cabeça. O Jeromo despediu-se, voltaria depois. — "Sábado, ela já há de estar aí. Tenha paciência!" Teria paciência. E foi embora. Luzes brilhavam longe.

Anoitecia. O Jeromo levava como um pressentimento no coração.

Não voltou mais. A Margaridinha chegou logo na sexta-feira, à tarde. Esperou-o até alta noite. Nada. Esperou-o no sábado, dia inteiro, noite inteira. Nada. Apenas, naquela noite lúgubre, tia Micaela veio da rua a chorar. Talvez chegasse no domingo. Esperou-o. Rompeu o sol; veio a tarde, frígida tarde de inverno. E nada. A Margaridinha esperava à porta, apoiada à cancela.

Nuvens pardacentas iam-se amontoando pelo céu. Peneirava um chuvisco. E súbito, do alto, dentre barrancos, aos solavancos pelo tortuoso caminho — violentamente puxada por duas bestas e forcejando por ganhar a estrada, branca de areia — surgiu uma antiga, uma arruinada caleça, sem toldo. De um a outro lado, sobre os assentos, estremecia, oscilava um caixão. Oleados resguardavam-no do tempo. E logo atrás, vinham, a galope, dois cavaleiros.

O céu fez-se mais negro. Chovia agora. A Margaridinha sentiu que alguma cousa se lhe enroscava no coração. Era como uma cobra má que o tivesse agarrado de súbito.

Estalava o chicote no ar. O carro galgou a estrada, de um pulo. As rodas chiavam na areia, rápidas, ao rápido trote das bestas. Homens desco-

briam-se ao vê-lo. E tia Micaela, que vinha a entrar da rua, ajoelhou-se religiosamente.

— Coitado do Jeromo! — disseram, na casa vizinha.

A Margaridinha apoiou-se mais à cancela:

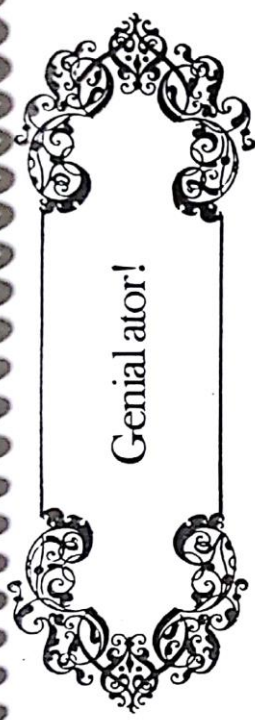
— Ah! meu Deus! — soluçou, dolorosa, angustiadamente.

Só. Faltava-lhe o chão. A garganta subiam-lhe, num bolo, toda aquela mágoa, toda aquela agonia, toda aquela dor. O carro passou. Do caixão mal fechado, evolava-se, ficava um mau cheiro espalhado pelo ar.

— Siá doná, reze por ele! — gritaram.

Chovia mais forte. Lágrimas reventavam em fio, das árvores sobre a areia. A Margaridinha ficou, apoiada à cancela, com um trémulo, nervoso ricto nos lábios, sem se rir, sem chorar, sem chorar, sem se rir...





## Genial ator!

Já me não lembra qual era o título da peça que por aquele tempo se representava no S. Pedro. Parece-me que era o *Demônio do Mal*, o *Demônio* ou a *Vilania de Rei*. Vá que fosse a *Vilania*. Belo drama! Os jornais achavam que era uma peça filosófico-sociológico-moral, e acrescentavam — “é mais uma pérola arrancada ao glorioso escrínio do festejado dramaturgo Borbas de Vasconcelos”. O Borbas era também o autor dos *Desgraçados que Riem*, que já haviam dado uma dúzia de representações. E por tudo isso rejubilava. Quem não rejubilava era o Fabriciano Correto.

*Vilania de Rei*. . . O rei era um que por aquele tempo estava no galarim. O Fabriciano fazia de duque — duque de Santo Ildefonso. E no 5º ato, brandindo a espada, rangendo os dentes, pálido e trêmulos de raiva, tinha que recitar uma fala enorme, da qual a frase última era, por assim dizer, o maior atrativo da representação.

É preciso confessar uma cousa — o duque de Santo Ildefonso não era papel para as forças do

Fabriciano. Ele nunca fora homem para indignações, nem para gritos. Se lhe houvessem distribuído um tipo de homem pacato, dado a conselheiro, amigo da humanidade, teria feito um sucesso. . . Mas não lho deram. De modo que o pobre diabo do *Mamami* lá se arranjou como pôde. Se não chegou a fazer um brilhareto não foi por falta de engalga e berrava como um doido no seu quarto da rua de Riachuelo.

Ah! o *Mamami*! O tal que por aquele tempo estava no galarim dizia dele que "era de gloriosa memória". Outros achavam-no apenas um pobre-diabo de burguês. O Borbas, o próprio Borbas, dissera dele, encolhendo os ombros: — "É um pedaço de *blasé*". O Fabriciano não compreendeu o *blasé*, mas zangou-se, deu o cavaco. E maior cavaco dava ainda quando lhe chamavam o *Mamami*. *Mamami* era um resto do *Mamã-mi-qué-ovo* com que uma vez o haviam alcunhado no colégio. Meio tate-bitate, danado por ovos, o Fabriciano pedia-os assim, na sua meia língua: — "Mamã-mi-qué-ovo". E o *Mamã-mi-qué-ovo* ficou.

Quando a *Vilania* foi à cena a crítica inteira acudiu ao teatro. Já pela manhã os jornais tinham anunciado que "um brasileiro de talento, o sr. Borbas de Vasconcelos, fizera mais uma tentativa em favor do nosso depauperado teatro nacional". O

Borbas torceu o nariz ao "senhor", mas achou agradável o "brasileiro de talento". À noite, ao ver o teatro cheio, sorriu, esfregou as mãos, e foi para os bastidores, para animar a rapaziada.

Subiu o pano. O primeiro ato da *Vilania* passava-se num jardim do real palácio, "por uma plácida, por uma perfumosa noite de luar", como lá se dizia na peça. O Fabriciano ainda não entrava; se entrasse não haveria motivo para a sua indignação do 5º ato. Quem entrava era a duquesa — a honesta Santo Ildefonso! O rei também entrava, apressadamente até. E das revelações de semelhante encontro, e de todo o apaixonado diálogo de ambos, resultava que os Santo Ildefonso ficavam moralmente obrigados a baixar a cabeça ao peso daquilo tudo.

O caso não se complicava muito por isso. O rei fazia ao nobre Santo Ildefonso a honra insigne de lhe conceder o pariato. . . "por amor dos seus grandes serviços e dos da ilustre dama, a virtuosa duquesa. . ." Talvez que principalmente por estes últimos. E daí, pode ser que não. "É mais um para nossa família!" — exclamava um velho Santo Ildefonso, ao saber da boa nova. "É a ti que eu o devo!" — gritava o duque, reconhecido, atirando-se de braços abertos para a sua cara mulher.

Acabava aí o 1º ato. Não é preciso dizer que a *Vilania* foi um acontecimento. Pelos corredores,



durante o intervalo, não se fazia senão comentar o sucesso do Borbas. "Aquele ladrão tem talento como o diabol!" — achava um rapazinho metido a cousas de literatura. Mas o Teodorico Valente, dramaturgo como o Borbas, tinha diversa opinião. No seu entender a *Vilania* era uma formidolosa estopada.

Num ponto estavam todos de acordo — na frieza com que o Fabriciano dissera a frase final. Toda a gente esperava que ele se reabilitasse dali por diante. Veio o 2º ato, desenrolaram-se mais dois outros, chegou o último, onde se rompiam as cataratas do ludibriado Santo Ildefonso. Era aí que ele tinha de brandir a espada, trémulo de ódio, fulo de indignação. Mas o pobre do Fabriciano não era homem para essas cousas; esforçou-se, gritou a valer... A toa! Por pouco que não compromete o papel.

Entretanto, a *Vilania de Rei* fez barulho. O Borbas chegou a ser por alguns dias uma celebridade. Falou-se em dar-lhe um banquete, pediram-lhe uma cena cômica para o benefício do tal que estava no galarim; e ao mesmo tempo que pelos *a pedidos* do *Jornal*, num longo entrelinhado, *Um Espectador* lhe deprimia o mérito para salientar o do Teodorico Valente, em Maxambomba fundava-se o Grémio Dramático Borbas de Vasconcelos.

O Borbas estava radiante. O Fabriciano, porém, desesperava-se com o não ser aplaudido, nem

ao menos na cena do 5º ato. Para os outros palmas e flores, para ele nada. Num belo dia houvera lá pelas galerias um certo ruído muito inquietador. Valeram-lhe uns bruscos *psiu!* atirados dos camarotes para o alto. Mas a tempestade podia desabar, e lá se iria tudo quanto Marta fiou. O Fabriciano punha-se de novo a ensaiar a grande fala, no quarto da rua de Riachuelo, brandindo ameaçadoramente a bengala, berrando como um possesso. Coitado do Fabriciano!

O suplicio durava-lhe desde as notícias da primeira representação. O *Globo* logo no dia seguinte, afirmava: "O sr. Fabriciano estava evidentemente deslocado no seu papel". O *Jornal* dizia: "...o sr. Fabriciano quase que sacrificou a bela cena com que termina o 5º ato". A *Gazeta*, então, chegava a fazer um trocadilho. "O sr. Fabriciano Correto é que não foi correto nem nada." O Fabriciano não fez escândalo porque não era homem para indignações. Veio-lhe, porém, a idéia de arranjar uns aplausos também para si. Como diabo os havia de arranjar? O Fabriciano não sabia, mas havia de ver. E pôs-se a pensar e a matutar no caso. Afinal parece que tomou uma resolução. Parece. Ele não a comunicou a ninguém, nem ao empresário, quando lhe foi pedir, pela manhã, "que fizesse o favor de lhe adiantar cento e cinquenta mil-réis".

A noite, o S. Pedro regurgitava. Pudera! "Hoje, o maior successo da época, 18.<sup>a</sup> representação da *Vilania de Rei!*" — tinham apregoado os jornais. A porta, um grande cartaz anunciava para o dia seguinte ainda "o maior successo da época". O Fabriciano, perto, ensinava a uns sujeitos onde era a subida para as gerais.

Pano acima, começou a *Vilania*. O jardim do 1.<sup>o</sup> ato apparecia agora um bocadinho mais escuro, a conselho do Borbas, para melhor efeito da lua. E a um lado, sob o caramanchão, o soberano e a duquesa trocavam-se juramentos de amor "por aquela plácida, por aquela perfumosa noite de luar..."

O Borbas lá estava no teatro, mirando-se na sua obra, deliciando-se com aquele apaixonado diálogo de ambos, como se nunca o tivesse ouvido, nem o tivesse escrito ele mesmo. Outrem deixaria de ir ou de assistir ao espetáculo todo inteiro; ele não. Ele e o Teodorico; este último para ver quando dia bo começavam as vazantes. *Um Espectador*, o mesmo dos *a pedidos* do *Jornal*, já as annunciara para qualquer daqueles próximos dias.

Nessa noite, o Borbas e o Teodorico estavam justamente a pensar que o Fabriciano parecia agora mais à vontade no papel. Parecia, não; estava realmente; ou fosse que ele se tivesse resolvido a dar tudo logo nas primeiras cenas, ou que já se não

incomodasse muito com a grande fala do 5.<sup>o</sup> ato, o caso é que o Fabriciano estava agora mais afinado no papel.

Veio o 5.<sup>o</sup> ato. O Teodorico lá se fora sentar na primeira fila de cadeiras, para não perder nenhum dos movimentos do Fabriciano. E o Fabriciano entrou, braços cruzados, cabisbaixo, abatido ainda pela revelação do adultério da honesta Santa Indefonso. Estrondeou uma grande, uma uniforme, uma entusiástica salva de palmas. O Fabriciano parou; mirou as torrinhãs, atravessou para o fundo, por onde o rei vinha naquele momento a entrar. Nova salva de palmas irrompeu. Desceu ao proscênio. Palmas repercutiram ainda.

E por aquele começo de ato afora foi um nunca acabar de palmas escandalosamente sonoras. Eram palmas por dá cá aquela palha. O rei, o tal que estava no galarim, começava já a desconfiar de tamanha prodigalidade de applausos. Ali andava por força bandalheira do *Mamami*. E recordou-se do adiantamento dos cento e cinquenta mil-réis. Uma claque! Ora ali estava para o que servira o dinheiro. O idiota do Fabriciano nem ao menos sabia escolher gente esperta para aquilo. O próprio Fabriciano já se ia enfurecendo com o caso. As palmas continuavam, cresciam sempre. Afinal, começou a grande fala, a célebre tirada do 5.<sup>o</sup> ato. "Que o céu vos va-



lha, senhor; mas ides restituir-me aquele coração que era meu!"

Restituir-lhe o seu coração! O rei estava mas era a debochá-lo, meio virado de costas para o público. Fazia-lhe caretas, fingia que também lhe estava a bater palmas. E, súbito, num ponto da cena, porque tivesse de investir para ele, e valendo-se do barulho que faziam as palmas:

— Eh, *Mamami!* — gritou.

*Mamami!* O Fabriciano perdeu as estribeiras. Era demais, também aquilo era demais. E atirou-se, espada em punho, para o canalha do rei. O braço tremia-lhe de raiva, as palavras saíam-lhe freneticamente, borbulhando, prenes de ódio, coruscantes de indignação.

"*Mamami!* Espera, pedaço de canalha!" — E as palmas cresciam cada vez mais. Agora era a plateia inteira. Ninguém ouvia o que estava dizendo o Fabriciano; viam-lhe apenas a indignação nos gestos, a cólera na fisionomia. E toda a gente achava que aquilo era verdadeiramente magistral.

Era à toa que o ponto berrava os últimos trechos da grande fala... "Por esta espada que tenho vos juro que daqui não saireis vivo, senhor!" — Qual vivo, qual nada! "*Mamami* é ela, meu grandíssimo cão!"

O rei não esperou o golpe do Fabriciano para se deixar cair morto no palco; atirou-se de costas,

mal a durindana silvara, lúcida, no ar. Desceu o pano, muito devagarinho. Toda a gente batia palmas, delirante, quase doida. A sala inteira vinha abaixo, à diabólica barulhada de toda aquela ovação. Um espantoso sucesso! O Borbas, sófrego, a acotovelar toda a gente, atirou-se para o camarim do Fabriciano, para lhe agradecer a sua interpretação. E o Teodorico — o Teodorico ele próprio! — teve esta simples, esta eloqüente, esta convencidíssima frase:

— Genial ator!



## Obra completa

O guarda dissera-lhe que se podia ir embora. Turíbio mirava-o, olhos abertos e fixos. Tinha uma expressão de doído. Ia para perguntar o que quer era, mas, a um movimento do outro, deteve-se, humilde. O guarda deitou-lhe a mão ao ombro, muito calmo:

— Anda, põe-te lá fora...  
— Lá fora...

Os olhos abriam-se-lhe desmesuradamente. Hesitava; afinal decidiu-se:

— Lá fora — e indicava a porta aberta, dando para o pátio — Lá, na rua?

— Na rua, sim... Anda, põe-te lá fora.

Turíbio passava a mão pela cabeça, olhava estupidamente. Desceu a mão pela nuca, passou-a pela barba hirsuta e crescida. Olhava. E arriscou umas palavras, a medo:

— Posso ir para casa?

O outro desatou a rir:

— Como é? Para casa? — e ria-se. — Queres ir para casa, não é?!



E achava-lhe graça. Queria ir para casa; era boa! Veio-lhe um acesso de tosse. E repetia:

— Com que então queres ir para casa, hein? Turíbio calara-se, cabeça baixa. Esteve assim um pouco; levantou a cabeça por fim:

— Não senhor... — e desculpava-se, muito humilde. — Não queria ir para casa. Ia, mas era se V. S<sup>a</sup> me desse licença... — e aparentava um sorriso; as palavras saíam-lhe a custo. — Não era porque eu quisesse, não senhor; — embargava-se-lhe a voz na garganta — ia porque V. S<sup>a</sup> me estava mandando embora. Mas V. S<sup>a</sup> me desculpe...

Falava como uma pessoa a quem se acenasse com uma esperança para fazê-la desaparecer desde logo. E repetia com a voz estrangulada:

— V. S<sup>a</sup> desculpe... Pois se eu nem me quero mais ir embora!

O guarda tinha os olhos cheios de lágrimas, à força de rir. Queria ir para casa, o diabo do homem! Enxugou os olhos, levou o lenço à boca. E, agarrando-o por um braço:

— Queres ir para casa, não é? Pois vai...

Tossia; levou outra vez o lenço à boca:

— É boa! Pois vai... Vai, se a encontrares! O que é preciso é que te não demores por aqui. Põe-te na rua, anda!

Empurrou-o, bateu-lhe a porta nas costas. Turíbio ficou parado, no pátio, a olhar para fora. Deu

uns passos, correu os olhos pelas paredes, altas, distantes. Moveu os braços, respirou forte. Para lá da porta ficava a sala de espera, vasta, caiada de novo. Ele atravessou-a. Mas, pelo corredor ao lado, vinha um sujeito de óculos. Turíbio parou, tímido. Não fosse ele mandá-lo para dentro. E ficou à espera, trêmulo, resignado.

O sujeito virou-o, acenava-lhe com a mão:

— Seja feliz, hein, irmãozinho; seja feliz! Veja se nos não torna a ocupar.

Ele acompanhava-o com os olhos, indeciso, surpreso. Dum banco próximo, agarrado à parede, meio oculta pela sombra, surdira uma figura esquelética de mulher. Embrulhava-se num chale, tinha um pequeno ao colo. E foi para o dos óculos; cumprimmentava com a cabeça, a fala em pranto, os olhos cheios d'água:

— Senhor doutor... Eu vinha para visitar o

18...

— As terças, filha; às terças é que são as visitas. Está lá na porta; é a ordem... Venha depois de amanhã. É a ordem; às terças é que são...

E sumiu-se por uma porta. A mulher teve um gesto de desânimo; ajeitou o pequeno ao ombro, pôs-lhe o chale pela cabeça, e saiu. À frente da casa, o jardineiro regava duas enfezadas palmeiras, em tinhas, irrompendo dentre moitas de tinhorões rubros. Turíbio seguira; desceu os dois largos degraus

de pedra da entrada, pisou o cascalho do jardim. Ia para transpor o portão, mas o jardineiro detiver-se e olhava-o. Ele arriscou um cumprimento:

— Deus Nosso Senhor lhe dê bons dias, patrão!  
— Deus o salve a você! E que permissão que nunca mais o vejamos cá por casa...

Turíbio agradecia:

— Muito obrigado ao senhor! Deus que o permita! — enchia-se de coragem: — Deus que o permita... Olhe muito obrigado ao senhor!

Caiu; mas da rua voltou-se ainda para trás. O jardineiro curvara-se, cuidava das plantas. O sol caía do alto, rutilo, sobre o áspero cascalho do jardim. Perto, ao alto do morro, badalavam sinos; e da capelinha para cá derramava-se o casario do povoado, atabalhoadamente pintalgado de cores vivas. Turíbio mirava a casa. Há doze anos era acanhada e úmida; pelo telhado limoso e negro, à sombra de copadas árvores, desoladas plantas raquíticas finavam-se, baldas de calor. Agora, erguia-se para o sol, vasta e nova. E às janelas, as grades de ferro tinham uma coloração artística de bronze.

Abanou a cabeça; olhou ainda um pouco. Seguiu afinal. Ia embora. O jardineiro, porém, vira-o parado, e teve uma idéia. Correu à porta, chamou-o:

— Eh lá, ó amigo! — e gritava — Ó amigo! — e, sardónico: — Onde diabo vai você assim?...

Ele parou. Fez-lhe um nó na garganta. Uma cousa gélida subia-lhe, rápida, à cabeça. Tremiam-lhe as pernas.

— Ó amigo! Olhe, faça favor...

Turíbio veio. O que ele entrevira há pouco, o que ele sonhara, tudo lhe desabava de repente. Sentia-o ruir no cérebro. Veio, não porque o quisesse; as pernas traziam-no, mau grado seu. Entrou. Tinha as feições desfiguradas. Passou a manga da camisa pelos olhos; ia para subir os dois largos degraus de pedra. O jardineiro agarrou-o:

— Onde diabo vai você, homem?

Turíbio sacudiu-se num ímpeto, para se desvencilhar do outro:

— Vou pra cima... Lá pra cima...

E num desabafo:

— Lá pra cima, pra o inferno!

— Ó homem de Deus! — e o jardineiro parecia arrependido de o ter chamado. — Que pensa você que a gente lhe quer? — o outro olhava-o; não compreendia cousa nenhuma. — Você que ir embora? Se quer, olhe lá que já aqui não está quem falou... Co'os diabos! A gente até se arrepende de lhe querer fazer bem!

Fazer bem; queria-lhe fazer bem. Turíbio ficou olhando, calado. O jardineiro falava, batendo-lhe no ombro:

— Vai você por aí, sem casaco e sem chapéu;



a gente chama-o; põe-se você com essa cara que até dá vontade de lhe voltar as costas, para a não ver.

E ele recordava-se. É, ia por ali sem casaco e sem chapéu. Mas tinha-os em casa. E concordava: — É, vou... Mas tenho-os em casa.

— Em casa, onde?

— Em casa, lá em casa....

O outro sacudiu a cabeça:

— Qual! você até parece que não entende das cousas... Que casa é que você tem? onde é? Que diabo é que você tem em casa?

— A minha roupa... — e como se lhe houvesse recordado alguma cousa melhor. — A minha filha!

Enchia-se-lhe o rosto de júbilo, àqueia idéia da filha. Brilhavam-lhe os olhos. O jardineiro fitou-o; talvez duvidasse da seriedade do que ele estava dizendo. E não lhe tirava os olhos de cima; não lhe perdia uma contração, um movimento. Afinal:

— Você está falando sério?

Turibio nem lhe escutara a pergunta. Repetia muito baixo, somente para si:

— A minha filha!

O outro teve um gesto de piedade:

— Olhe, 22, venha cá... — e passou-lhe o bra-

ço pelos ombros. — Venha cá comigo. Você parece-me um bom homem.

Turibio deixou-se ir; parecia que já se não recordava de mais nada do que lhe estava em redor. Calara-se, alheio a tudo, como quem mergulha num sonho. Foram pelo corredor, ao lado da casa. Ao fundo era o quarto das ferramentas, pequeno, de tábuas. Entraram. Dependurada do tabique, pendia a roupa de uso. O jardineiro tomou de um paletó esverdeado, roto:

— Escute, 22. — Turibio olhava em roda, à toa.

— Escute... Leve isto para você... Tenho também ali um chapéu velho — o outro mirava-o, pasmo. — Está um pouco velho... — ele dizia-lhe que não, com a cabeça. — Está; mas que diabo! antes um casaco roto do que nenhum. — Turibio fizera um gesto de recusa. — Leve-os, eu tenho outros; compreí-os há dias...

E pôs-lhe o casaco aos ombros; ajudava-o a vestir as mangas:

— Você há pouco estava com medo, não era?

— É que... O senhor sabe; é que às vezes a gente... — passava a manga do casaco pelos olhos, para enxugar as lágrimas; ria-se. — A gente, às vezes, sabe lá o que tem...

O jardineiro examinava-lhe a roupa:

— Fica-lhe a matar! Olhe, é só para ver...

Foi a um canto da parede, agarrou-lá um pedaço de espelho, colado a um retalho de cartão, preso por tiras de papel de cor; pô-lo diante dos olhos de Turíbio, obrigou-o a segurá-lo:

— Veja só... Olhe que nem de encomenda! Fê-lo voltar-se de costas. Olhava.

— Nem de encomenda! Parece que foi feito para você!

Turíbio tomou do espelho, fitou-o um pouco, levantou-o mais, para ver bem. Passava a mão pela barba, pelo rosto magro, pelos cabelos crescidos. O rosto dele, muito pálido, muito grave, contrastava com o do outro. Palpava com os dedos as covas amarelas da face. Ficou muito tempo, olhando. E abanava a cabeça, com um ar desolado, em silêncio.

— Hein? — perguntava-lhe o jardineiro. — Que tal? Está-lhe a matar!

— É — e Turíbio voltava-se para ele, muito sério. — É uma esmola que eu lhe hei de pagar. A gente neste mundo sempre se encontra, mais dia, menos dia... — olhava para a porta. — Bem, eu vou indo... — e esperava a ver se o outro lhe não dizia nada. — Eu vou indo... Muito obrigado ao senhor!

— Nem por isso!

— Deus Nosso Senhor é que lhe há de dar o pago.

Saía, chapéu na mão. O jardineiro acompanhou-o até a porta, à entrada. Ele voltou-se ainda:

— Deus lhe dê muito ao senhor, e que lhe não falte...

Demorou-se um pouco, a olhar para os lados, como quem se orienta. O caminho fazia uma curva à esquerda; seguia, ladeando cercas; súbito, descia para o vale. À direita, era o povoado, em morro íngreme. E abaixo dele, para longe, através dos campos, quase na orla azulada dos montes longínquos, sumia-se a linha de postes da via férrea — onde, por neblinosas madrugadas e ásperas tardes frígidas, férreos; pesados comboios rolavam, abalando o silêncio de em redor...

Turíbio tomou à esquerda; andava a custo, com esforço, com fadiga. Por vezes, iluminavam-se-lhe os olhos, murmurava muito baixo — “A minha filha!” Num ponto, deteve-se, mirou o sol — “Pra mais de onze...” E seguiu. A estrada, em declive, ajudava-o a descer. Puxou o chapéu para o rosto. Embaixo, onde começavam os campos, deteve-se ainda. O caminho cansava-o; respirou comprimindo o peito. E foi por um atalho, por entre terras úmidas, para lá, muito longe, onde árvores se erguiam e uma torre tocava o céu.

Mas, dentre sáfaras muitas hispidas de hispídos espinheiros, uma dulçurosa, trêmula toada surdiu:



Peito que foi magoado

Bote pra fora a paixão...

Um homem vinha, pela estrada próxima. Passou através dos espinheiros, desapareceu numa curva, surgiu afinal, adiante. Cantava. E a voz dele, nostálgica e saudosa, espalhava-se, nítida, pelo ar:

Peito que foi magoado

Bote pra fora a paixão;

Amor não pode morar

Onde mora a ingratidão...

Demorava-se, numa última nota, e, numa outra nota prolongada, repetia:

Aaaah...

Amor não pode morar

Onde mora a ingratidão.

Turíbio parou; o homem vinha para ele. Tirou o chapéu:

— Com perdão do senhor, hein... Fazer parar

assim uma pessoa... É que eu queria ir para Santa Tomásia... Já nem sei mais onde é.

— Santa Tomásia?

— É... Santa Tomásia. Eu tenho lá uma filha.

O homem refletia — "Santa Tomásia... Santa Tomásia." E, alteando a voz:

— O senhor quer ir para a Santa Tomásia?

— É...

— Veio de muito longe?

— Vim de lá de cima.

Turíbio apontava o morro, distante, para lá da linha de postes da via férrea.

— Da banda da Cadeia Nova?

— É... Da banda da Cadeia.

O homem fazia por se recordar onde era a Santa Tomásia:

— Santa Tomásia... O senhor já lá esteve?

— Há tantos anos!

— Muitos, pra mais de dez?

Turíbio encolheu os ombros:

— Já lá se vai tanto tempo!

O outro ficara em silêncio; mas afinal:

— Pois, por aqui não há nenhuma Santa Tomásia, não.

— É que o senhor não se lembra. Havia lá uma fazenda, grande. Era a um bocado do cemitério. Até a capelinha pegou fogo.

— Ah! a capelinha pegou fogo?

— Pegou.

— Se sei! O senhor dizia que era Santa Tomás... Água Nova sei eu que é! Fica perto da fazenda da Saudade, não fica?

— Fica logo adiante.

— E até a capelinha pegou fogo?

— Pegou fogo.

— Não havia eu de saber onde é a Água Nova! Pois se foi até lá que mataram o filho da fazendeira...

Turibio fez-se pálido, voltou o rosto, levou a mão à barba. Depois, muito tranqüilo, muito devagar:

— Houve lá uma morte, na Água Nova? Agora, há pouco tempo?

— Pouco tempo! Só doze anos sei eu que há.

— Doze anos... — e ele contava pelos dedos.

— Doze anos... E mataram um homem?

— Mataram.

— Mataram... — e ele continuava, a meia voz. — Mataram... Quem sabe lá se o teriam morto agora! Quem sabe lá!

Depois, mais alto:

— E o que matou foi preso? — O homem dizia-lhe que sim. — Foi preso... Sabe o senhor o que é ser preso, hein? Sabe o que é? Preso sempre, sem-

pre, sempre... Ah! — e rangia os dentes, de raiva.

— Sabe o que é?

O outro olhava-o, desconfiado, muito sério. Turibio calara-se; fitou-o um pouco; baixou a cabeça. Acalmava-se. Depois:

— Mataram-no à toa?

O homem sorriu:

— A toa! Quer saber o senhor? Eu tenho lá uns parentes...

— Na Água Nova?

— Sim, na Água Nova. Agora mesmo vou eu para lá... — Turibio ouviu, muito atento. — Tenho lá uns parentes. Pois eles sabem de tudo; não viram, mas lá toda a gente conta. Era uma cousa de fazer virar o sangue à gente. O que morreu enganava o outro, sabe?

Turibio repetia:

— Enganava o outro...

— É, enganava-o com a mulher. Metia-se lá dia e noite. Todo o mundo via; o marido é que não via nada. Mas um dia... O senhor sabe; lá vem um dia em que a gente descobre tudo. O marido apaixonou os dois, em casa...

Turibio deitou-lhe a mão a um braço, rápido, com um relâmpago nos olhos:

— Com a filha ali perto, não é? Com a filha ali mesmo, deitada ali, vendo tudo, aprendendo



tudo. Não houve um raio do céu que os matasse! Acredita em Deus, o senhor? Acredita, hein? Pode-se acreditar, pode-se ter fé, assim?

Tremia, de cólera. O homem puxou o braço: — Como é que o senhor sabe que ele tinha uma filha?

Turíbio voltou a si. Disfarçava:

— Eu ia lá, às vezes... E depois, lá — e indicava o caminho, para trás — lá toda a gente conta; todos sabem... O senhor mesmo disse, inda agora...

— É... — e o outro concordava. — Na Água Nova, então, toda a gente sabe. Não vê mesmo que aquilo era para se esquecer assim! Que morte! Picou-o todo, a faca; todo! No peito, nos olhos, na boca...

— Na boca, no peito... Nos olhos... — e acentuava aquilo. — A boca era falsa, os olhos enganavam... Sabe o senhor? Enganavam... Olhavam para o outro assim... — e puxava as mactãs do rosto para baixo, com os dedos; deixava os olhos a descoberto. — Olhavam assim, claro, puro... Falava tão doce, tão sério... Falso, tudo falso! Pensa que ele tinha coração? Tinha coração como o senhor, como eu? — e levava a mão ao peito. — Tinha coração, aqui? Ah! Quem o tem faz aquilo? Agora não há de fazer. Está morto, pagou tudo.

“Pagou tudo!” Turíbio cerrara os punhos, com força, com ódio. Cravava as unhas nas mãos. Via-se-lhe nos olhos uma terrível expressão de fereza. Esteve assim um bocado; voltava o rosto para um lado, para outro; não via bem, faltava-lhe o ar. Sentia um quer que era que lhe apertava a garganta. O homem recuara; parecia disposto a ir embora; estendeu-lhe a mão:

— Bem... Então até, hein?

Turíbio serenava, pouco a pouco. Fez-lhe sinal para que esperasse. O olhar dele voltava à primitiva expressão de doçura. Respirou muito, quanto pôde. A camisa afojava-o; ele rompeu-a, de um gesto rápido. E levava a mão ao peito, hauria o ar balsâmico de em redor:

— Perdoe. A gente pode lá ouvir tudo, assim, a sangue-frio... E dizem que há um Deus no céu! — soluçava, mal podia falar — um Deus, dizem que há um Deus! — levou a mão à cabeça em fogo, fechava os olhos; e, ao cabo de um momento. — E... E a filha do outro?

E frisava bem aquele *do outro*:

— A filha *do outro*? Era tão pequenina, tão loura!

— A filha? Coitada! Andou por aí... Não vê que a mulher pôs fogo à casa, sabe?

— Andou por aí, a filha?

— A mulher pôs fogo à casa. Dizia que no quarto onde o tinham morto, depois daquilo tudo, só o fogo é que ainda lá podia entrar. E então, levou a pequenina; deu-a numa casa, para o alto... Depois, foi embora. Tem andado por aí; está agora com um, está daqui a bocado com outro... É uma desgraça; mas há gente que é assim mesmo.

— A pequenina ficou, lá no alto?

— É... Mas davam-lhe muito, davam-lhe à toa... Coitada! A mãe tinha-se ido embora, o pai estava preso. Era uma desgraça! Pobre de quem não tem nem uma pessoa por si... A mãe dela, então, foi por aí; estava com um, com outro...

— Eles davam-lhe muito?

— Em quem?

— Na pequenina.

— Davam-lhe tanto!

— Davam-lhe! Mas a mãe dela, por que é que lhe deixava dar? Tão pequenina, tão loura!

— Pois a mãe já não estava mais lá, na casa. Pós-lhe fogo e foi embora. E então, a pequena ficou. Antes não ficasse! Davam-lhe tanto...

— Davam-lhe muito... E agora?

— Agora — e o homem apontava para o céu, alto. — Agora, está lá, está nos ouvindo...

Tríbulo agarrou-lhe na mão, puxou-o a si. Cravava-lhe no rosto o olhar fixo, acerado, lícido:

— Está lá! — e mostrava o céu — Está lá? ... Morreu?

— Morreu.

— Morreu!

Lágrimas lhe brotavam dos olhos, rápidas, ardentes. Escaldavam-lhe o rosto, punham-lhe como que pequeninos diamantes disseminados pela barba hirsuta. Quedara-se em silêncio. Por fim:

— Eles davam-lhe muito?

— Se lhe davam! Até nem parecia gente cristã...

Turíbulo murmurava — “Davam-lhe!” E, com os olhos vagos, absorto:

— E ela morreu?

O homem afirmava que sim. E ele levantou os ombros, num soluço:

— Assim até foi melhor!

O outro fitava-o, comovido. E depois:

— O senhor gostava da pequenina?

— Pois se ela era... — e calou-se; desvairava-se-lhe o olhar, levou a mão à boca, olhava em roda. E aos poucos: — Vim por aqui muito... Muitas vezes! Nestes braços andou ela. Era assim — e fazia-lhe o tamanho com a mão. — Tinha uns cabelos que só vistos, de lindos! E davam-lhe! Se eu estivesse lá... Juro-lhe pela minha alma! Levasse-me um raio se mais algum dia se levantasse a mão que lhe estivesse batendo!



Baixou a cabeça; tinha os olhos cravados na terra, direitos, fixos. As lágrimas corriam-lhe grossas, rápidas, contínuas. Soluçava. O homem estendeu-lhe a mão:

— Desculpe, hein? Mas, eu vou indo...

— Eu vou também... O senhor disse que a Água Nova é para lá, não é? — e mostrava-lhe o caminho, longe. — Eu vou... A mãe dela, então, ficou lá na casa?

— A mãe da pequenina? — Turíbio fazia-lhe que sim; o outro sorriu. — Foi embora... Pois ela deitou fogo à casa e foi embora.

— Deitou fogo à casa... Ardeu tudo?

— Tudo.

— E foi embora! Contanto que a não tenha tragado o inferno... Vê o senhor? Tanta miséria!... O céu cobre tudo, azul, azul... A casa era lá pra cima, não era? Uma, de tábuas, com um mamoeiro à porta, uma hortazinha ao fundo? Tinha-a feito ele mesmo... Ele, sim; ele! Muita terra cavou pra a fazer...

— O marido era da lavoura?

— O pai, o pai da pequenina? Era da lavoura... Duma outra lavoura; também se cava a terra, também se planta, mas não se colhe. Cavou muita terra, muita! Ah! assim a estivesse ele agora cavando para a que foi embora!

O homem achava que sim:

120

— É mesmo, antes trabalhasse para a filha. Quando se tem mulher assim...

Mas Turíbio interrompeu-o:

— Para a filha, não! — E com a voz em lágrimas: — Para a filha, coitada! nem foi ele que a cavou. Atiraram-na lá para o fundo, à toa. Para a filha, não; para a que foi embora! Deitou fogo à casa e foi embora... Antes para ela! Bem larga, bem funda! Lá, bem embaixo...

E dentro em pouco:

— A casa era lá p'ra cima?

— Inda lá está o terreno... É perto. Eu é que já vou indo...

— Também eu vou.

E foram ambos. Turíbio calara-se; por vezes, ouvia-se-lhe um soluço. O homem apertava o passo. Numa curva, por uma aberta de cerca, mostrou-lhe o caminho adiante, o terreno da casa, o mamoeiro à porta, longe, mal distinto. O sol caía agora do alto, por sobre a terra úmida da geada; áureo e tardio, retardatório sol benéfico de junho...

Turíbio reconhecia a estrada, alegravam-se-lhe os olhos. Já nem sentia o cansaço de há pouco. E marchava calado, com pressa. Num ponto, o homem agarrou-o, fê-lo parar:

— Olhe, vê ali, agora...

Era o terreno próximo, o mamoeiro à entrada. Onde a casa estivera, por sobre a massa disforme

121

do entulho, daninhas plantas se enredavam, subiam, avassalavam tudo. E dentro elas, apenas, a espaços, carbonizados caibros emergiam do mato crescido e ruim.

Pararam à porta. O homem voltou-se para Turíbio:

— Não era aqui?

— Era... — e ele fitava o terreno desolado e lúgubre. — Era aqui! — e enchiam-se-lhe os olhos d'água. — Contanto que a não tenha tragado o inferno! Olhe, tem a sua vida segura, o senhor? — o outro não respondia. — Tem-na segura? Deixe-a andar... Segura para quê? Um dia desaba tudo. Está ali, queimado, podre... E o céu cobre tudo, azul, azul...

Passeava os olhos em redor. Súbito:

— O cemitério é p'ra lá, não é?

— É lá adiante, no fim daquele caminho; lá por trás daquela mangueira grande...

— Lá adiante, por trás da mangueira? Olhe — e acenava-lhe com a mão. — Deus que o acompanhe!

E deixou-o. "Deus que o acompanhe!" Foi embora. O homem ficara, pasmo; abanou a cabeça, sorrindo:

— Qual!

E seguiu. Turíbio embrenhara-se pela estrada. Tinha as pernas trôpegas, como as de um ébrio.

Gelava-se-lhe a cabeça; esvaíam-se-lhe as forças. E aos olhos dele, o campo em roda, as árvores, os morros, tudo se ia de ténebras cobrindo.

Deu ainda uns passos, mas dobraram-se-lhe os joelhos, fez-se-lhe um vácuo em torno. Caiu para a frente, e ficou inerte, ao meio da estrada, ao sol.

Névoas caíam do alto, quando se lhe descerraram os olhos. Vinha a manhã nascendo, longe. O orvalho alagara-lhe a roupa. Tiritava de frio. Despiu o casaco úmido; sacudiu-o com força, vestiu-o de novo. Tumultuavam-lhe idéias no cérebro. Sentou-se; fitava a estrada adiante. E a pouco e pouco, foi-se-lhe aquietando a cabeça. Lembrava-se devagar: — "Pós fogo à casa." Lembrava-se. "O cemitério é p'ra lá..." Ergueu-se; sentia-se fraco, com fome; respirou, tirou o chapéu. E pôs-se a caminho. "O cemitério é p'ra lá..."

Avistou-o, adiante. Homens estavam à porta, casaco aos ombros, fumando; um dentre eles, tomava-lhes os nomes:

— Gaspar?

— Cá está.

— Domingos?

— Pronto.

Entravam, um a um, tirando os casacos, dobrando-os ao meio. Turíbio chegou-se, chapéu na mão:



— Com licença dos senhores... É que... Eu venho lá de cima... 'Stou desempregado. Então, vinha por aqui... Talvez queiram alguém para a enxada.

Um alto, espadaúdo, coçou a barba, e depois:

— Isso é lá com o sr. Eduardo.

E deu com o queixo para o lado do que tomava os nomes. Turíbio foi para ele, vagaroso, hesitante, tímido:

— Com sua licença, hein... É que eu 'stou desempregado. É... Perdoe o senhor... E vinha para saber se não precisam cá ninguém...

O sr. Eduardo tinha um cachimbo à boca; tirou-o, olhou do alto:

— Você já trabalhou nisto?

— Tantos anos!... Ah! a mim não me ganhavam! — e procurava uma resposta. — Mas o senhor sabe; a gente guarda o seu dinheiro, depois é infeliz...

O sr. Eduardo franzira a testa. Esteve a pensar, olhava-lhe p'ra a cara. E depois, para dentro:

— Ó Maturina?!

"Maturina!" Turíbio sentiu que a alma lhe saltava num ímpeto. E de dentro uma mulher veio, chegou à porta:

— Assim inda é pior... Agora é só ferver a água.

— Quem é que fala aqui em ferver água? — e ela calava-se, atenta. — Sabes tu quando vem o Correia?

— O Correia? — a mulher sorriu. — Vá esperando! O vir, diz ele que vem para a semana; agora o poder vir é que são elas.

Turíbio cravava-lhe os olhos no rosto; olhar de ódio, olhar impiedoso e mau. Traspassava-a, implacável e frio. Por fim, baixou a cabeça. O sr. Eduardo pensava, franzida a testa:

— Homem, você se quer, fique por aí, a ver. Mas olhe que assim inda se lhe não dá nada.

Turíbio calara-se, o sr. Eduardo convencia-o:

— Porque aí há um de cama... Ele está de cama. E você fica com o seu direito.

— Isso é...

— A comida fornece-se-lhe aí; você paga-a. O outro pode ser que não vá nem ao S. João. E você fica com o seu direito. Lá o seu direito é que se lhe não tira...

E Turíbio ficou. E numa frígida tarde enevoada e tristonha, o Correia veio, do alto, piedosamente trazido, a mão, para uma cova que ele mesmo se esforçara por abrir. Os outros acompanhavam-no, descobertos, silenciosos e graves. Fizeram-no descer para o fundo, hirtos e magros. E a terra que lhe deitaram caía aos poucos, numa poeira leve, para o não acordar.

— Porque este é cá dos nossos... — explicaram.

E um, para Turíbio:

— Quem aproveita agora és tu... Faze-te fino porque querê-lo, ao lugar, há muito quem no queira.

Deram-lho. O sr. Eduardo chamou-o, logo no outro dia, cedo. Bateu-lhe no ombro, com amizade:

— Agora, ficas de vez. Cá a palavra dum homem, é ali; o que se diz é o que está! E o teu direito, olha que ninguém to tira.

Ele agradecia. Ficou de vez. Os outros estimavam-no; era generoso e humilde. E reservavam-lhe a tarefa pior. Faziam-no acabar o serviço de um que tinha a mulher de cama, trocar de horas com outro a quem a umidade da manhã punha doente. Era o último a largar a enxada. E vinha embora, cantando. À noite, apenas, errava pelo quadro dos anjos, à procura. Escutavam-se-lhe soluços abafados.

Foi então, ao descambar de uma tarde sonora e rútila — já as mangueiras se cobriam de flores e misteriosos perfumes erravam no ar — o sr. Eduardo parou, por entre túmulos, vendo-o a fechar uma cova, curvado e suando:

— Ó Turíbio?! — e Turíbio levantou a cabeça. — Olha que isso não vai a matar! Não vai a matar, que diabo! Assim, prepara-a para ti...

126

E Turíbio ergueu-se, apoiou a mão à enxada; olhava o sol morrendo, longe...

— É. Fica p'ra amanhã... Já o verão entra. O sol vem cedo.

Sacudia a terra presa à enxada; apanhou o casaco, perto, a uma borda de túmulo, atirou-o às costas, pôs a enxada ao ombro. E veio, e dizia:

— Porque lá isso é... Não vai a matar. Mas sempre é bom andar p'ra diante. O que fica feito, fica feito. Não se faz mais...

Tinham-lhe dado um quarto de tábuas, janela para o quadro dos adultos, em frente. Pedira-o, ins-tara por ele. Os outros dormiam à entrada, paredes meias com o administrador. Turíbio, porém, lemb-ra as coroas abandonadas, fora. "Assim até era melhor para a vigia." E ficara lá. De onde estavam, já o quarto se avistava, ao fim da aléia. E ele repetia:

— O que fica feito, fica feito... É tempo que se poupa. Não se faz mais.

— É... Mas tu, matas-te. Um homem quer-se trabalhador, mas com saúde. Porque depois, dá-lhe em casa o raio da doença; e pagar-lhe pr'ali, à toa, e é vê-lo a s'agoniar... Ele vai-se, e os outros é que ficam.

Turíbio concordava:

— Também lá isso, é... Vieram. Ele parou à porta:

127



— Vou aqui agora a ver...

— Pois então, é o que te digo; um homem quer-se com saúde.

E o sr. Eduardo seguiu. Turíbio demorou-se um pouco, à porta. Enrolava um cigarro; pusera a enxada a um canto. Por fim, entrou. A noite caía, ténue; e, no céu, ainda claro, a lua, em crescente, surdida, luminosa e doce.

Madrugada alta — inda a manhã não viera — já ele estava vestido, à janela do quarto. Fumava, pondo largas baforadas para fora, através da neblina e da noite. E súbito, por entre árvores, longe, ao luar, um vulto de mulher passou, hesitante e esquivo.

Ele ficou, suspenso, no ar, como se alguma coisa o viesse elevando do chão. Os olhos prendiam-se-lhe àquela figura, distante, negra. Perdeu-a num ponto, viu-a crescer do outro lado. E agora, brotava-lhe uma idéia no cérebro; expandia-se-lhe o rosto. "Vai ver a filha..." — fez, muito baixo. Acendiam-se-lhe os olhos. Tomou da enxada, saiu.

O vulto ia, direito ao quadro dos anjos; passou por ele, numa curva larga. Turíbio seguia-o, agarrado às árvores, oculto por elas. Viu-o parar, seguir depois, dar uma volta, entrar pelo outro quadro em frente. Um túmulo deteve-o; caiu de joelhos. Reza-va o que quer que fosse, entrecortado de soluços; debruçava-se sobre o mármore, regando-o de lágrimas. E

à cabeceira, de um quadro, circulado de perpétuas, banhado da lua, o busto de um homem emergia, amarelecido e sereno.

Turíbio parou; e, para logo, do íntimo, velhos rancores, esquecidos ódios vieram-lhe atropeladamente para fora, sufocando-o. Ela rezava pelo outro, chorava pelo outro! Ouviam-se-lhe soluços, angustiados, contínuos, como se neles a alma inteira, também angustiada, lhe fugisse. Turíbio cravará os dentes nos lábios, mordia-os a fazer sangue; apertava o cabo nodoso da enxada na mão convulsa. Tremia, tremia... Ia-se-lhe fazendo em torno uma atroz noite de loucura e de morte.

Virou a enxada, com a lâmina para dentro. Acertou-a bem, bem segura, bem certa; direita e forte. Curvou-se, chegou-se um pouco mais, com vagar, com cautela; tinha o braço p'ra trás, a enxada à mão. Esperou... Maturina levara o lenço aos olhos, a cabeça alta. Ele marcou-a, no meio, do lado. Tremia, tremia... Fez um esforço; crispavam-se-lhe os dedos. A enxada ergueu-se, brilhou, lúcida, no ar.

Vibrara-lha, rápido, na cabeça. Houve um som cavo, um estertor, um côncavo baque oco e surdo. A massa informe do corpo caiu, flácida; distendeu-se... Batia os pés, trêmulos, nervosos, esticados; empinava o ventre, na ânsia de se reerguer. E ele vibrou-lhe a enxada, de novo. Da brecha aberta, mal

percebida, púrpuro, o sangue em ondas vinha, corria, manchava o solo; e — tal como se para o alto houvesse partido, num rápido jato rubro — altas, no céu, rubras, púrpuras manchas sanguíneas espalhavam-se pelo nascente.

Turíbio olhava, absorto agora... O corpo aquietara-se; agitava-se apenas a bruscos, trêmulos espaços, no estertor último. Teve um estremecimento mais forte, e ficou, parado, morto. O sangue corria por uma depressão do terreno; era um ténue fio, quase róseo, que se coagulava ao fio gélido da manhã.

Ele moveu-se, como quem desperta; atirou a enxada fora. Voltava a si. Recordava-se de um dia, há muito. Ferira fundo, muitas vezes, muitas vezes, com delírio, com raiva. Levaram-no. Anos decorreram; tudo se foi apagando aos poucos, ódios, memória, tempo, tudo. E recordava-se; olhava em roda, pelos alvos túmulos, pelos ávidos sepulcros abertos. Suava frio. Tirou o chapéu, atirou-o para longe. O olhar deteve-se-lhe na cova ainda mal cheia, da véspera, voltou ao corpo imóvel, fitou-o, voltou a ela. Esteve assim um instante de um lado para outro. Acalmava-se mais. E tomou da enxada, foi para a cova, enterrou-a lá, com força, tirou-a depois, bem cheia, sacudiu-a para o lado. Enterrou-a ainda, tirou-a, para a enterrar de novo. E a terra ficou, espalhada, pelo solo, por sobre plantas, aos montões.

Cavava com esforço, rápido. Já de uma derradeira camada, última e leve, irrompia a tampa negra e lúgubre de um caixão. Ele deixou a enxada. Tomou de Maturina pelos pés, inteiriçados, ainda quentes; arrastou-a para perto; e os cabelos dela, de rastros, luzidios e longos, toucavam-se de folhas secas, empoavam-se de lúcidos grânulos de areia, vinham marcando a sua passagem pelo chão.

Deixou-a posta à beira desse que lhe seria o pouso último; agarrou-a então pela cabeça, pô-la ao comprido da abertura. E atirou-a para dentro, para baixo, para bem fundo. Por onde viera, o corpo deixara um rastro de sangue. Ele apagou-o, com a enxada; desfez os largos coágulos sanguíneos; levou-os, empastados, para a cova aberta. Procedia com arte, com vagar, com cuidado — tal como quem numa obra definitiva e completa se absorve. Passava e repassava a enxada pelo terreno; deu-lhe a aparência de um pedaço de jardim, tratado e limpo.

Voltou para a cova. O corpo ficara meio dobrado, ao fundo; ele ajeitou-o, ao comprido. E começou a cobri-lo com a terra amontoada, às porções, grossas, rápidas, brutas. O corpo desapareceu em baixo. Por sobre ele ia a espessa camada de terra subindo, crescendo, pesada do eterno peso do olvido e do esquecimento eterno. Turíbio saltou para a cova, ainda mal cheia. Puxava a terra para si, quase a cobrir-lhe os pés. Por momentos parava, pisava-a



com força, atirava-a com o pé para as extremidades. E continuava depois. Passou os dedos pela testa, para limpar o suor; estava calmo, respirava com força, muito, em roda — como um enterrado vivo a quem se houvesse arrancado a álgida laje cerrada e fria do túmulo. Respirava... Mas ouviu passos. O sr. Eduardo vinha, apressado, sem chapéu; gritou-lhe de longe:

— Que é da Maturina?

Turíbio alçou a cabeça, ficou olhando; hesitava, parecia querer ocultar alguma cousa. E, apoiado à enxada:

— A... Eu...

— Tu viste-a... — e o sr. Eduardo agarrou-o pelo ombro. — Fala ou ponho-te na rua!

Turíbio levava a mão à cabeça: — Homem... — e alisava o cabelo, por trás da orelha —, há boca-do, inda o dia lá vinha na casa de Cristo, vi-a passar por ali...

Apontava a aléia, perto. O sr. Eduardo sacudiu-o:

— E depois?

— Depois, foi lá para os lados da porta... Havia lá um senhor alto, um que já ontem andou por aí. Estiveram a conversar juntos, e foram-se. Foram embora. Ela levava uma trouxa.

O sr. Eduardo fê-lo voltar-se, com um repelão. Agarrou-o pela gola:

— Levava uma trouxa? E o chale, ia de chale?  
— Levava um chale preto.

Fora-se, pregara-lha na bochecha! Turíbio calara-se... O sr. Eduardo repeliu-o, com força. Fê-lo cambalear. E expectorou:

— O raio da burra!

## ÍNDICE

Abertura .....	9
Cão! .....	25
Mana Minduca .....	35
A barricada .....	43
Caso de adultério .....	55
Curiosa.....	65
O Jeromo .....	83
Genial ator! .....	93
Obra completa .....	103